

## EIXO: ESPAÇOS FORMATIVOS, MEMÓRIAS E NARRATIVAS

### ATELIÊ (AUTO)BIOGRÁFICO DE ARTE COMO POSSIBILIDADE DE (TRANS)FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL-ALUNO DE DANÇA NO CONTEXTO DE PANDEMIA DA COVID-19

**Ana Cristina Carvalho Pereira**

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG  
anacristina.cpereira@gmail.com

**Rosvita Kolb Bernardes**

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG  
rosvitakolb@gmail.com

#### Resumo

Apresentamos aqui um processo de investigação sobre as contribuições do *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* proposto por nós, em 2020, como percurso formativo estético na disciplina Narrativas de Si no Ensino-Aprendizagem em Arte do Curso de Graduação em Dança-Licenciatura de uma universidade federal do estado de Minas Gerais. Em nossa proposta, guiamo-nos pelo seguinte questionamento: Como é possível pensar uma proposta de formação em Arte dentro do campo (Auto)Biográfico no contexto de pandemia da Covid-19? A partir daí, nosso objetivo foi o de construir um caminho experimentando outros modos de fazer que privilegiassem um espaço para a elaboração de processos de ensino-aprendizagem na promoção da abertura e da disponibilidade para a narrativa enquanto um processo (trans)formador. Nesse sentido, buscamos a interlocução com as autoras Christine Delory-Momberger (2005, 2006, 2016 e 2019), propondo o *Ateliê Biográfico de Projetos*, Marie Christine Josso (2004), a partir da *concepção de narrativa*, e Maria da Conceição Passeggi (2016, 2017), a partir da *pesquisa-formação*. Como resultado, podemos apontar que o processo de formação vivido no *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* pelos profissionais-alunos de Dança potencializou a ativação da memória do fazer/saber através da narrativa como expressão de si, proporcionando o reconhecimento do saber da experiência de cada um(a), reafirmando sua trajetória no campo da Dança e o fortalecimento da identidade da profissão.

**Palavras-chave:** Licenciatura em Dança. Ateliê (Auto)Biográfico de Arte. (Trans)formação.

#### Momento desafiador

O cenário da pandemia da Covid-19, em 2020, levou a um isolamento social, com rápida transição para o ensino remoto e um consequente e significativo impacto no aspecto emocional de milhões de estudantes, educadores(as) e famílias, o que estimulou a busca por novos meios para a manutenção da interação social, configurando uma conjuntura desafiadora, principalmente no campo educacional. Mesmo em meio às adversidades decorrentes do ensino remoto, houve a oportunidade para o debate no ensino, colaborando

para ressignificar as práticas pedagógicas e a forma de ensinar e de aprender durante a pandemia.

Neste contexto, a universidade suspendeu as atividades presenciais por tempo indeterminado e implementou o Ensino Remoto Emergencial (E.R.E.). A partir daí, criou-se a necessidade de se desenhar novos caminhos para possibilitar que a aprendizagem acontecesse na estrutura de aulas síncronas<sup>6</sup> e assíncronas<sup>7</sup>. Foi nesse momento que decidimos ofertar a disciplina *Narrativas de Si no Ensino-Aprendizagem em Arte* como percurso formativo estético do profissional-aluno do Curso de Graduação em Dança-Licenciatura. É importante registrar que, em uma decisão conjunta com os profissionais-alunos, decidimos utilizar somente o modelo de aula síncrona na referida disciplina.

Assim, ficou evidente a importância de se criar novas possibilidades naquele momento atípico que permitissem a reflexão sobre a trajetória de vida dos profissionais-alunos e o exercício de elaboração de suas narrativas de formação estética a partir do *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* de tal maneira que o mergulho na memória pudesse ser impulsionado e, dele, pudessem emergir histórias de vida, visibilizando itinerários de formação através da narrativa.

A utilização do termo profissional-aluno de Dança se justifica, pois, a formação daquele(a) que pretende se tornar um(a) profissional de Dança, em geral, inicia-se enquanto estudante ainda na infância ou no início da adolescência. Desse modo, também muito cedo, esse(a) iniciante, tradicionalmente, já começa a dar aulas em cursos livres ou projetos sociais. Enquanto dá suas aulas, não interrompe seu processo de formação técnica, até que tenha condições de se inserir em algum pequeno grupo ou companhia de dança, ou mesmo, numa produção independente de algum espetáculo de dança, após submeter-se a audições e concursos. Assim, como bailarino(a) e/ou professor(a), aos poucos, se insere no mercado de trabalho. Outra possibilidade é considerar, ainda, que essa pessoa pode solicitar uma audição em seu Sindicato de Classe e receber, caso seja aprovado, o seu registro profissional, podendo exercer legalmente suas atividades de bailarino(a), coreógrafo(a) e professor(a) de dança em espaços não-formais de educação.

---

<sup>6</sup> Aula síncrona é aquela que acontece em tempo real. Desse modo, professor e aluno interagem, ao mesmo tempo, em um espaço virtual.

<sup>7</sup> Aula assíncrona é um modelo de aula na qual um instrutor ou professor grava os conteúdos e os disponibiliza em um ambiente virtual. Assim, o aluno pode assistir à aula gravada, em qualquer horário, seja em casa ou outro ambiente.

Mais recentemente, o ensino formal se apresenta como um novo campo que se abre para o Profissional de Dança desde que formado no Curso a Licenciatura em Dança. Nesse novo contexto, temos a ideia do *profissional-aluno*, de Navas (2010). De acordo com a autora, muitos ingressantes dos cursos superiores de Dança do Brasil chegam à universidade formados pelo ensino não-formal ou projetos sociais e, muitas vezes, já atuando profissionalmente.

Além disso, é preciso situar o Curso a Licenciatura em Dança como um dos cursos que possuem prova específica de “Habilidades” no seu processo seletivo de entrada. Isso deixa evidente que para ingressar no curso é preciso ter alguma vivência prévia na área de Dança, caso contrário, as chances de aprovação nas Provas Específicas podem ser restritas.

No contexto da pandemia da Covid-19, propor o *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte*, em situação de E.R.E., apresentou-se como um grande desafio e, ao mesmo tempo, um espaço de resiliência, resistência e possibilidade de reinvenção de si e de todos os envolvidos na disciplina.

### **O *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* frente ao contexto da pandemia da Covid-19**

Trabalhar no campo da pesquisa autobiográfica foi uma escolha que tem nos permitido seguir pela pesquisa qualitativa e estabelecer relações entre os campos *(Auto)Biográfico, Arte e Educação*. No campo de formação e das nossas pesquisas, tivemos a oportunidade de conhecer a *Pesquisa (Auto)Biográfica em Educação* que se constitui como um campo de investigação e formação que não se reduz às narrativas de vida e enraíza-se numa atitude fundamental do ser humano que consiste em configurar narrativamente a sucessão temporal de sua experiência (DELORY-MOMBERGER, 2005).

Já faz algum tempo, trilhamos um caminho experimentando outros modos de ver e ouvir, privilegiando um espaço para elaboração de narrativas e propondo o *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* a partir da interlocução com as autoras Delory-Momberger (2005, 2006, 2016 e 2019), propondo o *Ateliê Biográfico de Projetos*, e também a partir da concepção de narrativa, de Marie Christine Josso (2004) e de *pesquisa-formação*, de Maria da Conceição Passeggi (2016, 2017).

A potência desse campo nos atravessou e delineou um caminho possível para nossa prática docente no campo de formação como também nas nossas pesquisas.

Ancoradas no campo (Auto)Biográfico delineamos a proposta do *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* inspiradas nos fundamentos apresentados a seguir.

Delory-Momberger (2006) define o *Ateliê Biográfico de Projeto* como:

[...] um procedimento que inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga o passado, o presente e o futuro do sujeito e visa fazer emergir o seu projeto pessoal, considerando a dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de mudança aberto ao projeto de si (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 359).

Para nós, o *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* é entendido como um espaço de pesquisa e formação inspirada também em Delory-Momberger (2006), que apresenta a dimensão do relato de *Ateliê Biográfico de Projeto* como construção da experiência do sujeito:

Os procedimentos de formação conduzidos sob a forma de ateliês biográficos de projeto destinam-se a considerar essa dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de *formabilité* aberto ao projeto de si (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 366).

A proposta do *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* que estamos desenvolvendo e que também desenvolvemos na pandemia com algumas adaptações é, portanto, um caminho metodológico que permite, por meio da rememoração, promover a reflexão sobre experiências vivenciadas. Sendo assim, é preciso fazer conhecer-se a si mesmo para conhecer o outro e seguir na construção da experiência do sujeito e do espaço de “formabilidade” aberto ao projeto de si (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Em nossa prática docente no *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* somos mobilizadas por uma concepção na qual os verbos permitir, escutar, ouvir, fazer, pensar, dizer e experimentar são permitidos. Neste contexto de autoformação, seguimos com o objetivo de criar condições concretas para que cada sujeito construa e se aproprie da história do seu percurso de formação no campo da Dança.

A partir da oferta da disciplina Narrativas de Si no Ensino-Aprendizagem em Arte, podemos nos questionar: Quais as contribuições que o *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* pode trazer para a formação profissional-aluno de Dança no contexto da pandemia da Covid-19?

Movidas por essa questão e no movimento de acolher as trajetórias dos profissionais-alunos, na disciplina Narrativas de Si no Ensino-Aprendizagem em Arte, ressignificamos o *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* no contexto no E.R.E. na tentativa de criar um ambiente acolhedor e de escuta sensível, apesar da distância física no processo ensino-aprendizagem.

Desse modo, buscamos dar visibilidade aos saberes e fazeres vivenciados ao longo das trajetórias dos profissionais-alunos. Utilizamos as plataformas *Moodle* e *Zoom* ao longo do semestre para propor as atividades agrupadas em quatro momentos:

- Aproximações com o campo da (Auto)Biografia.

Iniciamos o primeiro momento apresentando alguns livros, revistas, artigos e vídeos do campo da autobiografia. Depois, introduzimos alguns referenciais teóricos da pesquisa sobre Narrativa de si e disponibilizamos textos na plataforma *Moodle*. Nossa intenção era a de despertar e motivar os profissionais-alunos para suas próprias pesquisas com a possibilidade de conhecer os materiais que fazem parte do referencial teórico da disciplina e do nosso objeto de pesquisa.

- Teias de significado: resgates da memória

Aqui, buscamos ativar as memórias dos profissionais-alunos a partir de perguntas tais como: Qual a sua primeira experiência estética? Qual a sua primeira experiência de ensino-aprendizagem em Arte? Esta provocação teve como resultado relatos de vivências estéticas resgatadas ao longo de suas trajetórias de vida. Provocados pelo compartilhamento dos relatos orais e escritos entre os colegas, abriu-se um espaço para que contassem suas experiências sob a forma de uma narrativa autobiográfica que, até então, não existia. Esse processo de biografização permitiu que o profissional-aluno ao narrar, embora não pudesse mudar os acontecimentos, pudesse reinterpretá-los dentro de um novo enredo (PASSEGGI; SOUZA, 2017). Este novo enredo permitiu um novo sentido para as experiências e identidade docente desses profissionais-alunos.

- Biografar pertencimentos

Foi um momento da elaboração de um texto (auto)biográfico produzido pelos profissionais-alunos a partir de todas as experiências vividas durante o semestre, dialogando com o referencial teórico apresentado na disciplina. Este movimento buscou a ampliação e a produção de conhecimentos sobre a pessoa em formação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem no campo da Arte e seus modos de ser, de fazer, de ensinar e de biografar pertencimentos e resistências.

- Compartilhar, escutar e reviver

Foi neste momento que os profissionais-alunos trouxeram os seus textos produzidos na etapa anterior trocando experiências entre si, dividindo as suas escritas com leitura em voz

alta. Foi um encontro intenso, marcado de emoção, de silêncios e pausas. Mas foi também nesta hora, a partir de um questionamento reflexivo, que eles se reconheceram como sujeitos que têm uma história. Assim, em um processo de (auto)formação há o estabelecimento de metas a serem alcançadas, reflexões sobre as experiências, compreensão dos significados dos impasses e problemas que surgem e tomada de decisões mediante uma espécie de diálogo consigo mesmo.

### **Narrativas, revelações, itinerários, encontros e sentidos**

A partir dos textos entregues pelos profissionais-alunos<sup>8</sup> de Dança, ao final da disciplina, buscamos um movimento intenso de olhar e de ler para podermos evidenciar o que eles nos revelaram nas suas narrativas sobre a sua história vivida com/na Arte, dando sentido à sua existência. Nesta direção, temos Marie Christine Josso (2004):

Elaborar a sua narrativa de vida e a partir daí, separar os materiais, compreendendo o que foi a formação, para em seguida, trabalhar na organização do sentido desses materiais ao construir uma história, a sua história, constitui uma prática de encenação do sujeito que torna-se autor ao pensar a sua vida na sua globalidade temporal, nas suas linhas de força, nos seus saberes adquiridos ou nas marcas do passado, assim como na perspectiva dos desafios do presente entre a memória revisitada e o futuro já atualizado, porque induzido por essa perspectiva temporal. Numa palavra, é entrar em cena um sujeito que se torna autor ao pensar na sua existencialidade (JOSSO, 2004, p. 60).

Este processo de revisitar e compreender o que foi a formação para, em seguida, trabalhar na organização do sentido desses materiais pode ser observado na narrativa apresentada a seguir:

Desde criança tenho o costume de guardar caixas. Caixas que abrigam pequenas memórias do meu caminhar. Memórias inscritas em objetos, cadernos, agendas, cartas, escritos sobre movimentos e espetáculos que já dancei (e também dos que não dancei), programas e ingressos de eventos que fui ou que gostaria de ter ido, fotos, retalhos, folhas, sementes, figurinos, ou “cacarecos” como diria meu pai. O fato é que gosto de coletar objetos que possam materializar as experiências que me atravessam, talvez por medo do esquecimento, de esquecer de onde vim, por onde andei, ou por ter herdado a mania de minha mãe em guardar muitas coisas. Mas a verdade é que hoje, ao revisitar essas caixas, percebo o quanto a memória dessas materialidades não são apenas lembretes das coisas que eu faço questão de não esquecer ou das coisas que gosto de guardar e levar comigo, mas que se constituem como portas, **como frestas no qual posso mergulhar nas memórias que habitam**

---

<sup>8</sup> O sigilo da identidade dos participantes da pesquisa foi preservado com o uso das iniciais de seus nomes.

**meu corpo, afinal, são afetos que estão inscritos em mim, na minha dança, na minha forma de ver o mundo, e que, portanto, se transformam em mim, são modificadas por outros afetos, por outras experiências, outras percepções, outras memórias. Assim, a cada vez que revisito essas caixas, essas (i)materialidades, na verdade me visito, visito as coisas que me tocam, que me afetam, que me movem, que me lembram de onde vim, onde estou, me possibilitando fabular e sonhar possíveis devires (B.L.M.S.<sup>9</sup>, 2020, grifo das autoras).**

Como podemos observar, o reconhecimento de si mesmo como sujeito permite à pessoa encarar o seu itinerário de vida, articulando de uma forma mais consciente as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus desejos e o seu imaginário.

Outro aspecto importante possível de observar por meio da escrita narrativa dos profissionais-alunos foi a reflexividade (auto)biográfica pensada na perspectiva do sujeito de frente para si como fosse outro de si, percebendo nuances, minúcias ou outras tantas dimensões de si e dos percursos que foi trilhando em sua história de vida, nos quais se inscreve como uma dimensão mobilizadora de transformações, pondo-se a viver uma (auto)reflexão e (auto)formação geradora de mudanças substanciais em sua vida.

Nessa mesma direção, temos Passeggi (2016, p. 82) com o entendimento da reflexividade (auto)biográfica “como probabilidade de o indivíduo (criança, jovem, adulto) voltar-se sobre si mesmo para tentar explicitar o que sente ou até mesmo perceber que fracassa nessa difícil tarefa de (re)elaboração da experiência vivida”.

A seguir, compartilhamos fragmentos das narrativas que dialogam com o processo de reflexibilidade (auto)biográfica.

No ano de 1998, durante as oficinas de técnicas circenses na ONG, conheci o professor Cláudio, ginasta do Minas Tênis Clube. Mais conhecido como Claudinho, ele ministrava as oficinas de acrobacia de solo e cama elástica, onde disciplina e brincadeira se fundiam como paradoxo, como dois lados de uma mesma moeda. Como valores e práticas intrínsecos às vivências circenses, o treinamento corporal não se distanciava da relação coletiva e da filosofia cotidiana de construção e de troca de saberes. Claudinho era atencioso, cuidadoso e respeitoso. Sempre pedia licença para nos tocar e compreendi que o toque e a proximidade eram essenciais para as acrobacias, pois lidar com o corpo do outro e o próprio corpo em alto risco exige muita segurança. **Hoje compreendo que o Claudinho me ensinou muito além de dar cambalhotas, estrelas e rondadas. Ele me ensinou a cuidar e a me importar pelo outro (L.C.G.<sup>10</sup>, 2020, grifo das autoras).**

---

9 B.L.M.S., em 2020, era estudante de graduação da Licenciatura em Dança. É artista da dança.

10 L.C.G., em 2020, era estudante de graduação da Licenciatura em Dança. É educadora em Circo Social e integrante da Rede Circo do Mundo.

Sou filho único, criado pela mãe, pela avó e duas tias. Era, portanto, o príncipe da casa. Um pequeno príncipe, que subia no escorregador da escola primária no horário do recreio para olhar o rio que corria nos fundos do lote. Um rio que me levava ao encontro do meu desejo de dali sair, para explorar o mundo. Perdia o tempo a me imaginar em aventuras alhures, mas gostava da escola, não tinha problemas com as aulas, gostava de estudar. Visto pelas notas do meu boletim reaparecido era um excelente aluno com conceito MB em quase todas as matérias. Ah, mas e o mundo? O rio Paraibuna corria sinuoso alguns metros atrás dos muros da escola. Na amplitude do olhar de uma criança de seis ou sete anos era enorme, de uma margem à outra. Era grande o suficiente para produzir desejos e medos; era grande o suficiente para me envolver em seu curso caudaloso e me retirar por alguns instantes do metal frio de que era feito aquele escorregador verde e descascado. Eu ficava em pé no alto do brinquedo para não correr o risco de descer rampa abaixo e perder de vista meu companheiro, que mantinha aberto seu casaco verde de folhas e flores, me deixando ver sua pele amarronzada e brilhante. Um tremor alcançava meus ossos, um rubor, minhas bochechas, por desejar aquele que poderia me levar a me inventar, justamente por me fazer perder meus limites imagéticos. Aquela possibilidade de invenção de mim e do mundo, parafraseando Virgínia Kastrup (2007), em lugares para além do real, deixou traços marcantes na minha maneira de aprender e de ensinar, pois me abriu espaço para inventar possibilidades de aprendizado, para criar. [...] **Posso pensar, então, no movimento do rio como metáfora do movimento que mais tarde fui investigar na dança: fluido, contínuo.** Movimento que não priva, mas que é potência, ação (A.D.M.M.<sup>11</sup>, 2020, grifo das autoras).

A experiência de olhar para minha história com lente reflexiva, me fez constatar que minha abordagem na educação vai para além de uma visão restrita ao ensino de dança, mas busca por uma realização do sujeito enquanto inventor de si mesmo na sua prática de dança. O rio da minha infância continua a correr e nele navego, me aproximo uma hora da margem de um lado, outra hora da margem do outro lado. **Vejo, hoje, que ganhei confiança para arriscar e apostar no meu desejo de seguir o curso de um rio que eu mesmo criei** (A.D.M.M., 2020, grifo das autoras).

[...] meu ponto é que a escola me fez mais sensível à arte, me ensinou a apreciá-la e me presenteou lindas experiências artísticas. **Hoje, reflexiono sobre o poder dessas experiências na minha vida e já vejo uma primeira conexão com a professora que sou hoje.** Confesso ser muito perfeccionista com o meu trabalho, porém, tive professores incríveis e apaixonados pela profissão e não quero dar menos que isso aos meus alunos, quero dar a eles experiências memoráveis que transformem o percurso de cada um deles de forma positiva. [...] **Hoje mais do que nunca vejo [...] que, enquanto professores, a nossa dimensão pessoal não se dissocia da dimensão profissional. Há uma ligação entre a nossa história, a profissão que escolhemos, a instituição que estudamos, e toda essa experiência adquirida influencia no sujeito que nos tornamos e no tipo de**

---

11 A.D.M.M., em 2020, era estudante de graduação da Licenciatura em Dança. É artista da dança e educador somático pelo Método Feldenkrais.

**professores que somos ou nos tornaremos** (M.M<sup>12</sup>., 2020, grifo das autoras).

Como vimos nos fragmentos das narrativas acima, quando cada profissional-aluno revive suas memórias, promove um movimento de voltar-se sobre si mesmo, (re)elaborando a experiência vivida, ressignificando-as, isto é, a reflexividade (auto)biográfica.

### **O Ateliê (Auto)Biográfico de Arte como possibilidade de (trans)formação**

Após as análises dos textos recebidos, foi possível identificar que o *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* proporcionou o reconhecimento do saber da experiência de cada profissional-aluno, permitindo a reafirmação da sua trajetória no campo da Dança. O ato de narrar o vivido, na perspectiva (auto)biográfica, foi um procedimento que possibilitou inscrever a história de vida em uma dinâmica que liga o passado, o presente e o futuro do sujeito, fazendo emergir o seu projeto pessoal e profissional como construção e reconstrução da experiência do sujeito.

Identificamos que as narrativas apresentadas se deslocavam por vários caminhos, espaços, tempos. Na medida em que os profissionais-alunos criaram suas narrativas por meio da oralidade e da escrita, fragmentos de uma história desencadearam processos de ressignificação sobre situações e experiências vivenciadas. Aproximar-se dessas narrativas nos permitiu observar que eles, não só puderam narrar acontecimentos biográficos, mas exerceram um trabalho sobre eles, por meio de processos reflexivos, resultando na construção de sentidos para o que viveram, incluídos os impactos sentidos em seus itinerários biográficos em um processo de (trans)formação, tomada de consciência e (auto)formação, como podemos observar a seguir.

Sou nascida em Macapá, no Amapá, extremo Norte do Brasil, fronteira com a Guiana Francesa. Sou filha e neta de Paraenses “mocorongos”, nascidos em comunidades espalhadas por Santarém, antiga Aldeia dos Tapajós, e bisneta de Manauaras e Nordestinas. Sou filha das águas amazônicas, do encontro entre o rio Amazonas e o rio Tapajós, do encontro entre culturas e tradições que me foram passadas e que povoam meu corpo. Assim, a Dança de Salão se tornou minha casa e a porta por meio da qual fui buscar novas experiências. Através dela, conheci danças de salão de geografias diversas, reencontrei o balé clássico de uma forma diferente, conheci o pensamento sobre a dança contemporânea, integrei companhias de dança da cidade de Macapá, viajei a trabalho e sonhei em viver através da dança. Foi esse sonho

---

<sup>12</sup> M.M., em 2020, era estudante de graduação da Licenciatura em Dança. É dançarina de danças urbanas e contemporâneas e intérprete-criadora.

que me fez pousar em Belo Horizonte-MG, aos 16 anos. Foi quando muitas perguntas começaram a pairar sobre meu fazer artístico-docente. Lembro-me de me perguntar “o que realmente tinha me feito sair do Norte e partir sem muitas certezas para cá?”, “o que eu vim descobrir?”, “O que, de todas essas experiências que fui mergulhando, eu realmente carregava em minha dança?”, “Quais memórias de dança povoam meu corpo?”, “Quais memórias me dançam?”. Como forma de tentar me implicar com estas perguntas na busca de pequenos contornos que me permitissem construir alguns pontos de ancoragem, comecei a abrir as caixas, visitar os diários de bordo e os objetos ali guardados. **Comecei também a dançar os afetos guardados e me dei conta da dança como espaço possível de (re)descobrir memórias do meu corpo que pareciam estar adormecidas ou “adestradas” demais para lembrar-se de si.** Com isso, a dança me revelou que no fundo dessa caixa de guardados, o meu corpo lembrava, meu corpo-caixa guardava, na pele, na fásia, na sola dos pés, no avesso da garganta [...] Assim, me vi submersa no território das memórias do meu corpo, nessa caixa-de-fundo-falso, mergulhando em afetos, em experiências que são atravessamentos, nos esquecimentos. **E esse movimento me causou encantamento, acendeu em mim um desejo de atentar-me para o que estava latente e que implicaria em um movimento de pesquisar o modo como a memória, em sua poética, pode atravessar a formação-criação em Dança(s)** (B.L.M.S., 2020, grifo das autoras).

[...] As escritas corporais e performatividades de aprendizado traçadas nesta escrita, enquanto experiências formadoras, definiram territórios de aprendizado de minhas trajetórias ético-estéticas onde **se tornou possível reconhecer processos de aprendizagem que possibilitaram caminhos futuros de autoralidade criativa** (L.C.G., 2020, grifo das autoras).

[...] Nesta narrativa autobiográfica, percorri experiências de um memorial afetivo como possibilidade de analisar e refletir sobre o meu percurso de fruição e aprendizado nas Artes do Corpo e da Cena, através das relações interpessoais com mestras e mestres, entre saberes e fazeres que se entrelaçam com o meu cotidiano e processos formativos e educacionais. **A reflexão autobiográfica como metodologia de pesquisa estabelece uma escuta sensível e possibilita criar uma bússola vital para reconhecer territórios simbólicos do saber-fazer das narrativas de si, estabelecendo processos de objetivação biográficos para as experiências e processos formativos** (L.C.G., 2020, grifo das autoras).

[...] Desse modo, não penso que o modo de conduzir as práticas voltadas para o trabalho sobre si - narrativas de si - através da palavra sejam caminhos inconsistentes, mas acredito que em nós habitam memórias que não são possíveis de se expressar pela palavra, por isso, acredito que o corpo e, mais especificamente, a dança, possam revelar questões muito importantes para o campo, de modo a mobilizar memórias outras, memórias desconhecidas, memórias que atravessam o tempo de modo não-linear, como numa caixa-de-fundo-falso que não se pode ver o fundo, mas que, ao mergulhar, se constituem como portas, como frestas no qual posso mergulhar nas memórias que habitam meu corpo, afinal, **são afetos que estão inscritos em mim, na minha dança, na minha forma de ver o mundo, e que, portanto, se transformam em mim, são modificadas por outros afetos,**

**por outras experiências, outras percepções, outras memórias** (B.L.M.S., 2020, grifo das autoras).

[...] Vejo, então, o exercício de narrar experiências vividas como o gatilho que reacende a potência do momento em que tal experiência aconteceu, e **ilumina possíveis caminhos que, porventura, tenhamos tomado no curso da vida** (A.D.M.M., 2020, grifo das autoras).

**Ao elaborar este artigo e refletir sobre minha história, percebo a importância de pessoas e lugares no meu percurso e do quanto contribuíram para o meu processo formativo.** Percebo também a beleza de recordar, de entender meus caminhos e olhar para o meu eu com autocompaixão. Vejo com satisfação a minha evolução, **mas observo padrões a serem repensados e ao olhar a minha caminhada vejo que sempre haverá algo para ser ressignificado** (M.M., 2020, grifo das autoras)

O objetivo de compartilhar essas narrativas foi o de explicitar a força e a potência do processo de (auto)formação e (trans)formação em um processo retrospectivo e prospectivo, revelando como os profissionais-alunos agregaram valores e competências às próprias construções identitárias.

### **Algumas Considerações**

Como resultado, podemos apontar que o processo de formação vivido no *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* pelos profissionais-alunos de Dança potencializou a ativação da memória do saber/fazer através da narrativa como expressão de si, proporcionando o reconhecimento do saber da experiência de cada um(a) num movimento de (trans)formação, reafirmando sua trajetória no campo da Dança e o fortalecimento da identidade da profissão.

Viver esta experiência no contexto da pandemia da Covid-19 também foi para nós, professoras da disciplina, um processo de (trans)formação, pois, como formadoras, também nos formamos na relação com aqueles em formação. Ao receber as narrativas dos profissionais-alunos, resgatamos fios das nossas próprias histórias e nos (re)fizemos no cotidiano, nas aulas, nos diálogos estabelecidos durante o *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte*. Nesse sentido, Passeggi (2016) afirma que “a pesquisa-formação incide, portanto, sobre a representação do professor e do pesquisador como seres aprendentes, capazes de refletirem sobre suas aprendizagens ao longo da vida (*life learning*), e em todas as circunstâncias (*lifewide learning*)” (PASSEGGI, 2016, p. 75-76).

Este caminho de investigação e formação no campo da dança reafirma a potência do *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* enquanto possibilidade de ensinar, formar-se e reinventar-se, evidenciando, assim, a potencialidade tripartite das abordagens (auto)biográficas: pesquisa, intervenção, formação.

Observamos, também, que o processo de formação vivido na graduação em Dança contribuiu para o fortalecimento da identidade da profissão, além de potencializar os projetos e as pesquisas na graduação em Dança.

## Referências

DELORY-MOMBERGER, C. **Histoire de vie et recherche biographique en éducation**. Paris: Economica Anthropolos, 2005.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago, 2006.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**. Salvador, v. 1, n. 1, p. 133-147, jan./abr., 2016.

DELORY-MOMBERGER, C.; BOURGUIGNON, J.-C. Automédialité. In: DELORY-MOMBERGER, C. (dir.), **Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique**. Toulouse, Erès, 2019.

JOSSO, M.-C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

NAVAS, C. Centros de Formação: O que há para além das academias? In: TOMAZZONI, A.; WOSNIAK, C.; MARINHO, N. (org.). **Algumas perguntas sobre Dança e Educação**. Joinville: Nova Letra, 2010, p. 78-83.

PASSEGGI, M. da C.. Aproximaciones teóricas a las perspectivas de la investigación (auto)biográfica en educación. Trad. Dora Marin Díaz. **Revista Educación y Pedagogia**. (Universidad de Antioquia), v. 23, n. 61, 2011a, p. 25-40.

PASSEGGI, M. da C. A experiência em formação. **Revista Educação**. v. 34, n. 2, 2011b, p. 147-156.

PASSEGGI, M. da C. O sujeito autobiográfico: noções terminológicas para a pesquisa (auto)biográfica com crianças. *In*: PASSEGGI, M. da C; FURLANETTO, E C.; PALMA, R. C. D. de. (org.) **Pesquisa (auto)biográfica, infância, escola e diálogos intergeracionais**, Curitiba: CRV, 2016, p. 47-66.

PASSEGGI, M. da C.; SOUZA, E. C. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Investigación Cualitativa**, v. 2, n. 1. 2017, p. 6-26.